

Ms. 12059

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 50

A lei da hospitalidade

PUBLICADA PELO

Col. 1

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—
1917



A lei da hospitalidade

«Que outra coisa podia eu fazer para testemunhar a minha gratidão para com o paiz que me deu a hospitalidade durante tantos anos a não ser oferecer os meus serviços no exercito na falta de homens?»

São estas as palavras dum homem natural dum Estado neutral, ultimamente naturalisado subdito britanico, que escreve da Africa do Sul para a sua patria na Europa. Elas veem reivindicar uma das leis fundamentais denegadas pela Alemanha; por essa delegação ella tornou impossivel ás outras nações viverem a seu lado. Nestes dois ultimos anos a Alemanha tem transgredido muitas das leis que regem as nações e os homens, mas o germen de todo o mal está na denegação duma lei muito mais antiga mesmo que os codigos escritos; é essa lei antiquissima observada pelos homens antes de terem formado nações e que foi o principio da vida social: a lei da gratidão pela hospitalidade. Sem ella os homens nunca poderiam receber os seus semelhantes sem desconfiança, como inimigos; por isso, conhecendo este facto, impuzeram-se essa lei rigorosissima. Um homem que comesse á mesa de qualquer, nada tinha que recear do seu hospedeiro. Até nas circumstancias as mais cri-

ticas, o homem honrado observava aquela lei. Era a pedra fundamental de todo o edificio da vida social; pode estar meia perdida por entre tantas outras leis que regem os homens, porém fica sendo sempre a pedra angular. Sem ela nem os homens nem as nações podem conviver. De vez em quando acontece, como nesta carta, que alguém vem reivindicar com palavras simples e claras aquela lei antiga e respeitavel; porém, esquecida ou lembrada, essa lei permanece.

Se ha quem se admire que as nações aliadas recusem á Alemanha, com o seu governo e as suas idéas actuais, um logar entre as nações da Europa, deve-se recordar que a Alemanha tem persistentemente desprezado essa lei. Se a lei é antiga, tambem o é a sua transgressão, mais antiga que o Imperio alemão, quasi tão antiga como a historia das tribus alemãs na Europa. No quarto seculo a Galia romana aprendeu á sua custa que os povos alemães não conhecem a gratidão. Na Galia por toda a parte havia alemães, em todas as vilas, em todas as occupações, em todas as guarnições de fronteira. Foram eles que abriram o caminho ao invasor, trairam a fronteira e serviram de espias e denunciantes para o inimigo.

Foi este o espirito que animou, na Idade média, as cidades da Liga Hanseatica. Essa Liga estabeleceu as suas estações de commercio por toda a costa norte da Europa, na Inglaterra, na Russia, na Belgica, na Dinamarca, na Suecia e na Noruega. Apossou-se da maior parte do commercio destes paizes e deles obteve privilegios

especiais; nalguns casos as suas fabricas funcionaram nestes paizes durante seculos. Porém não reconhecia as leis da hospitalidade. Estabeleceu regras rigorosissimas para impedir que os seus mercadores tivessem a fraqueza de mostrar gratidão ou benevolencia para com o povo do paiz onde habitavam. Obrigava-os a levar uma vida de disciplina militar e de restrições monasticas. Não permitia a nenhum negociante permanecer num paiz além dum tempo determinado. Proibia-o de casar. Tomava todas as precauções para que ele não se esquecesse que era alemão e que servia unicamente as cidades da Liga Hanseatica.

E' esse o espirito que preparou esta guerra. Sabemos agora que para o alemão a gratidão pela hospitalidade não representava o valor dum alfinete; quando prestava o juramento requerido ao naturalisar-se cidadão doutro paiz fazia-o com a reserva intima que repudiaria esse juramento quando a Alemanha o requeresse. A Belgica soube isto quando certos cidadãos de Bruxelas que ali tinham vivido durante muitos anos desapareceram nos fins de julho de 1914 e regressaram como guias e denunciantes ao serviço dos exercitos invasores. A America tambem o soube quando se publicaram os documentos de von Papen, quando os seus operarios foram subornados e as suas fabricas destruidas por alemães. Todos os paizes neutrais o teem sabido por inumeros modos diferentes. Sabem agora que um alemão nunca serve se não á Alemanha; que o seu patriotismo profundo e fanatico, que

eles tanto admiram e talvez com razão, é um patriotismo perigosamente pervertido, de maneira que não ha nem gratidão nem juramento que o possam prender.

Pode a Alemanha admirar-se que para onde quer que vá o seu povo ha de se ver sempre debaixo de desconfiança? Foi ela quem estabeleceu entre o seu paiz e as outras nações uma barreira maior do que quaisquer outras barreiras que dividem o mundo. Até que os seus cidadãos reconheçam o que até hoje nunca reconheceram, a antiga e sagrada lei dos que comem o sal com os seus semelhantes, a Alemanha não pode, a não ser como inimiga, ocupar logar entre as nações.